

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E
URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESTRUTURAS AMBIENTAIS URBANAS

*A cidade e a Arquitetura também mulher:
conceituando a metodologia de planejamento
urbano e dos projetos arquitetônicos do
ponto de vista de gênero*

Tese apresentada a FAUUSP para obtenção
de título de doutor

Terezinha de Oliveira Gonzaga

Orientadora

Profa. Dra. Marlene Yurgel

São Paulo, julho de 2004

Ficha bibliográfica

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. *A cidade e Arquitetura também mulher: conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero*. Tese de doutorado apresentada à FAU-USP. São Paulo, 2004.

Palavras chaves

Cidade - Arquitetura – planejamento urbano – plano diretor – segregação – intraurbano – relações sociais de gênero - gênero e cidade – gênero e o intraurbano – arquitetura – projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero – direitos humanos – meio ambiente – políticas públicas, privado e espaço público, história, transdisciplinaridade, movimentos sociais, feminismo, participação e democracia.

Ficha Técnica

Tabulação e gráficos: Cesar Augusto Teles

Edição e projeto gráfico: Lilian Farah Nagato e Cecília Maria de Moraes Machado – arquitetas – GTA

Ilustrações e mapas: Cecília Maria de Moraes Machado - arquiteta

Revisão: José Carlos Teixeira

Impressão: Copyservice

Capa: Arrisca Encadernações

Dedico este trabalho aos movimentos sociais feministas, de moradia e das/os planejadoras/es urbanos pela justiça social que nortearam a minha trajetória de vida e fizeram com que redirecionasse minha vida profissional.

Em especial à União de Mulheres do Município de São Paulo.

“O grau de democracia de uma sociedade se mede pelo grau de participação e poder que as mulheres exercem nesta”

Ao iniciarmos este trabalho saíamos da primeira experiência de uma mulher exercendo o poder na prefeitura da cidade de São Paulo. Esta fez com que viéssemos a entender a importância de priorizar as duas vertentes, na verdade já definida como opção de causa, vida e profissão.

A continuidade da luta por uma verdadeira democracia.

Agradecimentos

Esta tese que se encerra agora em nenhum momento fez me pensar que era um trabalho solitário. Mesmo quando foi necessário fechar-me para sintetizar os processos, que foram dois no mestrado para a qualificação que me honrou em ser aprovada para o doutorado. E neste momento que encerro todo o processo. Muitas e muitos foram aquelas/es que se dispuseram a sentar e refletir sobre o porque e para que pensar a cidade dando visibilidade à mulher e traçar políticas urbanas e sociais do ponto de vista das relações sociais de gênero. Assim agradeço ao Apoio Institucional da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP para o desenvolvimento do Mestrado, à Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior – CAPES-MEC com a Bolsa Capes de Demanda Social no processo de doutorado. Não posso deixar de aqui lembrar das e dos Colaboradoras/es na Pesquisa de Campo que são elas/es:

Adelmo Bassi Junior - arquiteto

Criméia Schmidt de Almeida – feminista e enfermeira

Denise Pedroso Garcia – assistente social

Dinalva Tavares – feminista e psicóloga

Edson de Almeida Teles – jornalista e filósofo

Gláucia Matos – feminista e pedagoga

Janaína de Almeida Teles – historiadora

Maria Amélia de Almeida Teles – feminista e professora

Mariangela Portela – ambientalista/arquiteta/urbanista

Neide de Souza Ferreira – arquiteta/promotora legal popular

Rita de Souza Ferreira Rodrigues - bancária

Valéria Jacó Monteiro – doutora em literatura

E aos lugares de mulher, meus agradecimentos à Associação das Mulheres da Zona Leste, ao CIM – Centro Informação Mulher, ao SOF – Sempre Viva – Organização Feminista, ao GTA – Grupo Técnico de Apoio, à SEPLAMA – Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente do Município de Mauá – SP.

E especialmente à União de Mulheres de São Paulo e todas as mulheres que se dispuseram a responder o questionário e dar depoimentos.

Resumo

Esta tese objetiva dar visibilidade à mulher na história das cidades, com destaque para a mulher produtora de espaços transformadores, exemplificando as intervenções destas na área metropolitana de São Paulo e principalmente na cidade de São Paulo. Analisa o que significou a luta pelas Delegacias de Defesa da Mulher e pelas creches, e seu impacto na malha urbana; os lugares de mulher, a participação das mulheres e o olhar do ponto de vista de gênero dos mutirões de construção e de urbanização de favelas. Reflete sobre planejar e projetar como um ato ideológico, político e social, e portanto reprodutor do *status quo* ou da transformação. Discute e apresenta propostas de planejar e projetar com a preocupação de garantir a participação das/os interessadas/os diretamente e da não reprodução do patriarcalismo e dos arquétipos que reforçam a educação diferenciada e estimula a guerra de sexos, no espaço público e privado, aqui priorizando o espaço urbano; planejar e projetar do ponto de vista das relações sociais de gênero. Encerra-se com a análise da incorporação da categoria gênero nos espaços de poder no Estado e com recomendações nas diversas esferas de poder.

Abstract

This essay aims to give visibility to women in the history of cities, with emphasis on women producers of transforming spaces, with examples of their interventions in the metropolitan area of São Paulo, and especially in the city of São Paulo. It analyses the meaning of the claims and struggles for day nurseries and women defense police departments, and their impact in the city; women places, women participation and engagement, and the look over mutual-help housing and slum upgrading from a gender point of view. It considers planning and projecting as an ideological, politic and social act, and therefore breeding of the *status quo*, or of change. It presents and discusses proposals of planning and projecting concerned on assuring the participation of those directly interested and the non-reproduction of patriarcalism and of archetypes that reinforce distinguished educations and stimulate sex war, in public and private space, focused here on urban space; planning and projecting from the point of view of gender social relations. It ends with the analysis of incorporation of gender in the State power and recommendations for the different levels of government power.

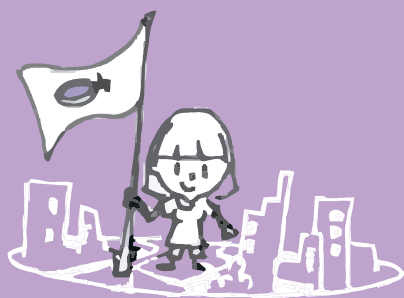
Apresentação

Temos aqui por objetivo introduzir na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - da Universidade de São Paulo uma linha de pesquisa, que aborde uma nova filosofia de planificação do espaço urbano e territorial. Este parte do pressuposto, paralelamente, da elaboração de uma nova cultura em que mulheres e homens partilhem com equilíbrio todos os espaços. E na qual os estudos e as preocupações na elaboração dos planos e projetos urbanos e arquitetônicos estejam ligados à dimensão de gênero. Iniciamos dando visibilidade as mulheres - historiando suas lutas e espacializando alguns de seus territórios - aqui denominados lugares de mulher. Calcada nas experiências que vimos aplicando, nas duas entidades objeto de pesquisa, União de Mulheres de São Paulo e Grupo Técnico de Apoio - GTA, estas vinculadas à garantia dos direitos humanos combatendo a violência (urbana e de gênero), urbanização de favelas, construção de moradias, formulação e aplicação de políticas públicas e produtoras de um conhecimento que a Universidade precisa reconhecer. E destacando a metodologia desenvolvida que entrelaça as questões sociais objeto da carta de direitos humanos* e as relações interpessoais que se dão na família (casa), no local de trabalho e nas ruas, onde a questão de gênero tem aqui o destaque principal, e para isto concretizar-se a necessidade da atuação intersetorial, multidisciplinar e transdisciplinar. Para isto envolvendo o Estado em todas suas esferas de poder, a iniciativa privada, organizações não governamentais e movimentos sociais. Consolidando a compreensão de que o espaço construído é fruto das relações sociais e econômicas e estas também determinam o espaço. Que o conceito de gênero, - gestado nos últimos 30 anos que vem alterar significativamente a compreensão das relações sociais no âmbito do privado e do público, criando novos paradigmas e categorias. Com registros do que foi o impacto dos movimentos sociais de mulheres feministas e de moradia, em que elas, foram e são, produtoras da urbanização da área metropolitana de São Paulo. Assim destaca a implantação da rede municipal de creche um equipamento que vem materializar a maternidade como função social e alterar significativamente o tecido urbano das periferias da cidade de São Paulo. As Delegacias de Polícia de Defesa da Mulher, que vem exigir um repensar desta estrutura até então voltada apenas para a repressão, mas agora também como uma questão social, exige o repensar deste projeto arquitetônico. Ainda ressalta que a segregação estabelecida no espaço das cidades tem um corte de classe, gênero, etnia, faixa etária e orientação sexual. A importância das/os planejadoras/es e arquitetas/os escutarem as mulheres e entenderem como vivenciam, participam e produzem a cidade e, portanto têm direito a esta e que o ato de projetar está imbuído de ideologia que pode levar a um reforço da educação diferenciada que cristaliza a guerra entre sexos, onde a mulher é a subjugada. Que o papel do Estado na garantia destas intervenções fecha o trabalho apresentando recomendações e sugestões de políticas públicas.

* saúde, educação e habitação (boas condições de habitabilidade como saneamento básico, ventilação e insolação, paisagismo, manejo dos resíduos) cultura, lazer, esporte, desenvolvimento econômico e direito de organização e expressão e os direitos das mulheres são considerados direitos humanos aprovados na última Conferência Mundial dos Direitos Humanos- Viena, 1993.

Índice

| | |
|---------------|---|
| | Apresentação 7 |
| | Índice 9 |
| | Preâmbulo 11 |
| | Introdução 13 |
| Capítulo I | Origem e objetivo dos estudos 27 |
| Capítulo II | Referencial teórico 41 |
| Capítulo III | Metodologia 53 |
| Capítulo IV | A história das mulheres na história das cidades 71 |
| Capítulo V | As cidades são como as mulheres: É preciso amá-las e tratá-las bem para entendê-las 99 |
| Capítulo VI | O planejamento urbano do ponto de vista de gênero: rompendo com a segregação espacial das mulheres 185 |
| Capítulo VII | A arquitetura como produto da especificidade das mulheres na cidade de São Paulo 203 |
| Capítulo VIII | Gênero, urbanização de favelas e planos de ação urbano habitacionais 223 |
| Capítulo IX | O Estado e a questão de gênero 243 |
| | Conclusões definitivas 255 |
| | Recomendações para um planejamento municipal e estadual do ponto de vista de gênero 267 |
| | Bibliografia 279 |



Preâmbulo

A cidade só será humana quando também for mulhana.*

Quando acolher a mulher como cidadã

Garantindo e saciando, também suas necessidades

Quando ouvi-la para melhor organizar seus serviços

Quando garantir que esta possa, sentar-se a praça para ler, sem ser importunada.

A cidade só será humana quando também for mulhana

Quando as mulheres obtiverem o direito de adquirir a sua moradia.

Quando as mulheres obtiverem o direito de ter uma terra para lavar.

Quando as mulheres obtiverem o direito ao crédito para desenvolver a sua produção agrícola.

Quando puderem escolher se quer ou não ser mães.

E quando escolherem serem mães não sofrerem a angústia de que podem morrer, ainda de parto.

A cidade só será humana quando também for mulhana

Quando ganharem os mesmos salários que os homens

Quando o trabalho doméstico for reconhecido como trabalho social.

Quando não precisarem negociar e convencer seus companheiros a utilizar os preservativos.

Quando as mulheres não mais forem assediadas sexualmente desrespeitando sua vontade.

Quando não mais forem estupradas.

Quando não mais sofrerem a violência de gênero, no privado e no público.

A cidade só será humana quando também for mulhana

Quando as mulheres conquistarem os seus direitos de cidadãs, as crianças ainda seus frutos, serão respeitadas, assim como as/os adolescentes, as/os jovens e as/os idosas/os.

Quando as mulheres conseguirem dividir o poder e ter os seus 50% de mando.

A cidade só será humana quando também for mulhana

Quando as mulheres ascenderem seus 50% na direção das universidades.

Quando as mulheres ascenderem seus 50% na direção institutos de pesquisa científica e agências de fomento.

Quando as mulheres ascenderem seus 50% na direção do poder instituído do Estado em todas as esferas.

Mas, com sua forma de governar deixando de lado o arquétipo do androcentrismo.

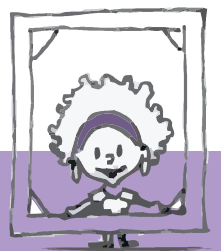
Aplicando seu acúmulo de experiência em mediar conflitos em estruturar e organizar o interesse de todas e todos na construção de uma vida justa.

A cidade só será humana quando também for mulhana

Quando todas e todos, de todas as etnias, portadores de limitações físicas e intelectuais e faixa etária gozarem de justiça e igualdade.

**humana vem de homem, mulhana vem de mulher. Palavra a ser inserida em nosso vocabulário, parte de nossa luta contra o sexismo da língua portuguesa.

IntROdução



Introdução

A ideologia permeando as cidades, a arquitetura e as mulheres: e como ficam as relações sociais de gênero?

Uma líder ambientalista da Zona Norte de São Paulo, que conseguiu ameaçar mais de 150 mil assinaturas contra uma avenida que iria passar por cima da Reserva Florestal da Cantareira, quase foi expulsa do escritório das Nações Unidas em Genebra, às vésperas da Conferência Mundial Eco-92, realizada no Rio de Janeiro, simplesmente por ter deixado claro que o papel feminino naquele encontro de cúpula não deveria ficar restrito à importância da mulher africana na coleta de lenha para a cocção de alimentos. “No Brasil”, disse ela aos burocratas da ONU, “a mulher hoje é a grande catalisadora das mobilizações coletivas, e enxergar-nos como meras máquinas reprodutivas é querer perpetuar as distorções que estão levando o mundo ao beco sem saída em que nos encontramos.”

A inter-relação da cidade e da arquitetura também mulher se dá no cotidiano da história. A história das cidades foi documentada, mas a história das mulheres o foi muito pouco e, ainda assim, principalmente por homens e de seu ponto de vista, com um olhar típico de quem é possuidor de poderes de decisão e, calcados na ideologia patriarcal. Aqui refletimos e trazemos do anonimato a história das mulheres no interior da história das cidades, e do ponto de vista das mulheres e na perspectiva das relações sociais de gênero¹. Portanto, este é um trabalho que se propõe a ser eminentemente ideológico.

Tanto as mulheres como os homens, mas não todos, entenderam que para que o planeta fique livre da devastação ambiental, para que seja saudável, há necessidade de partilharmos o poder e construirmos a justiça social. A luta pelo poder se dá no espaço físico, privado ou público, ou seja, no cotidiano. E o papel do Estado é compreender que o povo tem sua diversidade de cultura, classe, faixa etária, gênero, raça/etnia, deficiência física e orientação sexual, temos que construir este Estado, e pergunto será que é o Estado. E mais: que não tenha o papel de opressor, mas sim o de mediador dos conflitos existentes na sociedade, que desenvolva políticas que venham resolver as injustiças sociais e romper com as estruturas de dominação para a exploração. E isto se faz com políticas públicas afirmativas², que venham reparar o legado de discriminação construído ao longo da história da humanidade. Defender políticas públicas afirmativas hoje é confrontar-se com a política neoliberal de enxugamento do Estado. Porque esta atitude pressupõe investimentos em políticas públicas.

Todas essas idéias acima destacadas são de mulheres que, no século XX, das mais variadas maneiras, no plano privado e no público, rasgaram da forma mais ousada possível o mito de que a mulher é um ser frágil, incapaz e sem condições de exercer os direitos e deveres instituídos pelos homens e, sempre impedindo qualquer reação que pudesse vir a questioná-los. Desconstruir este mito foi a custo de muita luta e derramamento de sangue. Porque as regras e normas instituídas no mundo do androcentrismo não respeitam a diversidade e a diferença que a humanidade traz. Portanto, regras e normas que violam toda a riqueza que pode estar presente no desenvolvimento das populações, se este não for cerceado. Romper a universalidade do androcentrismo e desconstruir seus paradigmas vem sendo a grande contribuição das mulheres organizadas no mundo. E que

¹ Relações sociais de gênero:este conceito é exaustivamente discutido no cap.II.

² Políticas afirmativas:são ações governamentais de políticas públicas que aplicam a equidade, ou seja, maior investimento nos para os segmentos que mais necessitam considerando em seus diagnósticos a precariedade e suas potencialidades.

já alcançou resultados importantes nas ciências naturais e principalmente nas sociais.

O movimento feminista, podemos afirmar com segurança, tem sido um movimento social que intervém determinadamente no repensar de categorias, até então, consideradas senso comum, no sentido de criticá-las, contestá-las e, se possível, substituí-las.

Farret passou a dizer que “todo o social realiza-se no espaço”, e, portanto, as relações sociais de gênero não saem dessa regra. Tanto no espaço público como no privado. E passou a interferir na determinação do que é e do que deve ser o espaço construído.

Frederico de Holanda mostra que o espaço, a exemplo de outras manifestações do social, não “reflete” o social: ele “constitui uma de suas inúmeras dimensões”³. Além disso, “a importância do estudo da estrutura espacial urbana pode ser identificada a partir de diversos ângulos, primeiro, ela constitui uma tradicional preocupação acadêmica de diversas disciplinas: sociologia, geografia, economia, arquitetura, engenharia, antropologia, ecologia, história, direito”⁴. E as teóricas do feminismo ou das relações sociais de gênero desenvolvem seus estudos em todas as disciplinas acima citadas, assim como na bioética, medicina, assistência social, literatura, educação, meio ambiente e outras mais. Isso contribui para que seja dada ênfase à disciplina do direito e à questão do poder, com o objetivo de trazer empoderamento⁵ às mulheres, o que significa torná-las mais afirmativas e próativas, tendo condições de exercer seu poder no interior dos poderes constituídos. Gênero vem sendo considerado como uma categoria de transversalidade, que perpassa as inúmeras disciplinas que a organização da vida humana envolve.

Não podemos esquecer que o modo pelo qual a estrutura espacial urbana se mantém ou se transforma está claramente relacionado a processos de redistribuição de riqueza⁶ e ao direito à propriedade. E o mesmo se dá com acesso à cidade pelas mulheres, mas com uma particularidade: a visão sexista com que a sociedade patriarcal trata as mulheres, ainda hoje, é um fator preponderante nas dificuldades de acesso das mulheres à cidade. Elas são o segmento social mais empobrecido do planeta, segundo o *Relatório de Desenvolvimento Humano* de 1998 da Organização das Nações Unidas (ONU), o que é agravado pelo componente estrutural de cunho ideológico que permeia o preconceito contra as mulheres, impedindo-as de usufruir e apropriar-se do espaço construído, público e privado, e até mesmo de seus próprios corpos⁷.

O trabalho de campo desenvolvido veio confirmar a necessidade de concebermos e implantarmos programas que tratem a população levando em conta a diversidade que está presente nela. Lembrando que é imprescindível abordar as relações sociais de gênero vinculando-as aos direitos humanos, que devem ser entendidos como necessidades econômicas, sociais, civis, políticas, culturais, garantindo a organização e a participação. E, nessa abordagem, deve-se incorporar a diferença entre sexos, a etnia, a faixa etária, as classes sociais e a orientação sexual como parâmetros no planejamento e nos programas das políticas públicas de todas as áreas, implantadas tanto por prefeituras, quanto por governos estaduais e federais, garantindo esses parâmetros em legislações definitivas baseadas nos princípios da igualdade e equidade.

Ainda mais no momento histórico em que vivemos, com o acirramento dos conflitos e a crescente deterioração das cidades/metrópoles, como consequência do modelo econômico imposto pela classe dominante. E, a fim de que a equidade⁸ e a justiça social sejam estabelecidas, e sejam criadas as condições necessárias para a implantação da

³ Farret, 1985, p. 14.

⁴ Farret, 1985, p. 12.

⁵ Empowerment é uma palavra podemos dizer da moda. Que na verdade significa dar condições para que as pessoas que não possuem poder possam exercê-lo, no caso das mulheres, as cotas nos partidos, os cursos e seminários para politizarem-se.

⁶ Farret, 1985, p. 12; Harvey, 1973.

⁷ Dados da ONU na década de 80 nos dizia de que cada 100 proprietários 1 é mulher. E a OIT – Organização Internacional do Trabalho de que a mulher produz ¼ da riqueza do mundo e usufrui de ¼.

⁸ Conceito de equidade: tratamento desigual para situações de desigualdade para equiparação.

cidadania plena, as desigualdades e diferenças precisam ser enfrentadas com a mesma seriedade com que se enfrentam as necessidades das elites.

E, mais ainda, para que o desenvolvimento sustentável possa fazer-se realidade. Iludem-se aquelas/es planejadoras/es que pensam poder obter o total controle do espaço e do seu uso, desconsiderando o cenário em que eles se efetivam, e deixando de aproveitar o fato de que aí estão presentes os interesses e propostas já equacionados pelos movimentos sociais urbanos e rurais. Apenas um Estado que represente a diversidade de forças sociais da sociedade poderá implantar um planejamento espacial⁹ conseqüente, que seja sempre sensível a essas necessidades. Este controle deve ser consistente com e/ou dirigido para a manipulação adequada dos determinantes sociais, econômicos, políticos¹⁰, tecnológicos e ideológicos vinculados a um planejamento estratégico participativo, que tem sofrido críticas ao ser implantado apenas nas centralidades, com o objetivo de requalificação arquitetônica, o que tem significado apenas “centros históricos”, sinônimo de centro antigo. Entendemos que todos os centros são históricos e todos os espaços são históricos. Na verdade têm sido consideradas históricas apenas as localidades que tenham ícones do poder, ou da classe dominante. Não se pensa em considerar favelas com mais de 60 anos como centros ou locais de interesse histórico.

Quanto a nós, podemos e devemos considerar o espaço das cidades como um dos lugares do fazer social, pois aí se dão encontros, comemorações, consumo, trabalho, ócio e lutas sociais, e, portanto, pensando nas experiências já desenvolvidas, com tudo isso devendo ser avaliado e considerado, manifestamos o desejo de que cada vez mais possamos aprimorar e desenvolver um conhecimento abalizado na prática coletiva. Para nós, é mais do que claro que a necessidade e as possibilidades estão dadas, é passada a hora de transformar-se a forma de planejar. Que o planejamento seja participativo, isto é, que seja feito consultando-se a todas e todos, cidadãs e cidadãos, por intermédio de suas organizações, e com base na interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade construir esta experiência é enfrentar uma batalha ideológica contra a segmentação e o corporativismo rompendo assim com a visão setorializada. Trata-se também de criarem-se novas ou de aperfeiçoarem-se as já existentes formas de auscultar as/os desorganizadas/os, ou seja, a maioria da população e, mais do que isto gestar coletivamente com a sociedade organizada. A história já nos comprovou, com exemplos claros, que as/os arquitetas/os e as/os urbanistas que não consideram a complexidade das culturas, das relações interpessoais e intersexos dos aglomerados urbanos ou rurais e intervieram de forma autoritária criaram problemas sociais que poderiam ser evitados.

As cidades, que aqui focalizamos do ponto de vista da transformação, foram pensadas, segundo Katz¹¹, quanto a sua emergência, por duas grandes linhas. A primeira, dando primazia ao registro das trocas, diz que elas teriam se originado como resultado do mercantilismo. A produção e a circulação de mercadorias para além do consumo impunham uma divisão de trabalho que dispôs grandes massas humanas em torno de uma tarefa comum, que teria sido o suporte de uma nova organização social, incluindo a gradativa centralização das atividades e de seu controle, dirigida pela produção e o consumo de mercadorias, as quais apresentavam sempre novas características. A cidade seria esse lugar centralizador em que a divisão de tarefas se fez fortemente, fazendo surgir um sistema de

⁹ Em que os planos não sejam apenas plano – discurso que cumpre um papel ideológico (Vilaça, 1995) “e que ajuda a encobrir o motor que comanda os investimentos urbanos. No caso das metrópoles, além dos grupos locais, o capital imobiliário e as empreiteiras contam sempre na definição dos investimentos que não obedecem a nenhum plano explícito” (Maricato, 2000, p. 124).

¹⁰ Maricato, *Pensamento único*, 2002.

¹¹ Katz, C.S. *Na sombra da cidade – Cidade e doença*. Escuta, 1995, pp. 12-123.

saber, de controle e de poder em tudo diferente dos sistemas vigentes nas concentrações anteriores.

A outra diz que a origem da cidade está na guerra. Baseia-se em Pierre Clastres¹², que ensinou como os homens lançam mão da guerra para evitar o surgimento do Estado. Mas, quando dessas pequenas guerras entre tribos restritas se fez uma grande guerra, aí nasce o Estado, e depois as cidades. A cidade seria, dessa perspectiva, não um consenso ou acordo comum contra as guerras, mas uma organização e um lugar de fazê-las de outro modo. Entre a política e a guerra haveria uma continuidade.

Se definirmos ideologia como um conjunto de idéias organizadas e articuladas num discurso com um objetivo muito claro, o de manter a vitória de um grupo no poder, representando interesses de uma classe dominante, podemos dizer que este poder seria o Estado, mas, como diz Michel Foucault¹³, tendo uma pluralidade de micropoderes permeando toda a estrutura da sociedade. Isso pressupõe todo um aparato de instituições e crenças, no qual a ideologia é estruturada, para que a opinião pública legitime o poder.

Maria Odila Leite¹⁴ afirma que essas amarras ideológicas "são um modo de conhecer predeterminado por um sistema de dominação cultural arraigado – e reflete-se nos estudos feministas, e, ao mesmo tempo, dizem respeito a mulheres, que, como seres humanos, são também, e a despeito dos condicionamentos culturais, agentes de si mesmas". Também Marilena Chauí¹⁵ define ideologia como algo que tem a função de expressar o discurso da classe dominante. O domínio dessa classe é a expressão da vitória de um dado conjunto de interesses que assume o poder, após um processo de exacerbação de conflitos.

O sistema patriarcal-machista também é o resultado da vitória dos homens sobre as mulheres, que lutaram, resistiram e resistem a esta dominação. Sabe-se que numa cidade os homens têm um conjunto de representações para dizer o que eles pensam acerca de si próprios, dos outros e de suas relações. Chama-se a isso, do mesmo modo, "ideologia", no dizer de Katz. E digo eu que eles estabeleceram um conjunto de representações de como as mulheres devem comportar-se encurralando-as no espaço privado e reproduzindo o tratamento dado neste espaço nos espaços públicos, proprietários de seus corpos.

A cidade é, portanto, um lugar em que a ideologia se materializa. Continuando, Katz afirma que tão importante quanto as ideologias, os homens da cidade devem, desde cedo, começar a se fazer em torno de si mesmos, a se sentir de modos diferenciados, o que chamamos de "subjetivação". E aqui queremos repensar esta postura ideológica em que se convencionou que a palavra "homem" representa a humanidade. Não concordamos com isso, daí inserirmos sempre as palavras no plural, mulheres e homens¹⁶, ou então seres humanos.

Em relação às mulheres, Saffioti (1984)¹⁷ afirma:

"A dominação da mulher pelo homem é historicamente muito anterior ao capitalismo e freqüentemente lhe sobrevive. Não é, portanto, inerente ao capitalismo. Este apresenta sabedoria suficiente para sabê-la explorar adequadamente, refinando as formas de dominação das mulheres pelos homens... Numa sociedade de classes, a totalidade das mulheres não é dominada pelos homens em seu conjunto, da mesma forma. Há mu-

¹² Clastres, P – A sociedade contra o Estado -

¹³ Foucault, M – Microfísica do poder

¹⁴ Leite, M.O - in questão de gênero

¹⁵ Chauí, M – O que é ideologia, coleção Primeiros passos editora Brasiliense, edição 52, 19

¹⁶ Adoto em todo o meu texto, quando escrevo mulheres e homens, sempre mulheres primeiro o que não tem acontecido inclusive nos textos elaborados pelas feministas, observem os textos transcritos entre aspas.

¹⁷ Saffioti, H.I.B. *A mulher na sociedade de classes – Mito e realidade*. Quatro Artes, 1969 (1ª ed.).

lheres que dominam mulheres, e há mulheres que dominam homens. Em geral, contudo, as mulheres são dominadas pelos homens. Esta dominação é absolutamente transversal na sociedade, estando presente em todas as classes sociais. Assume, todavia, formas específicas no seio de cada classe social. Isto, porém, não autoriza a afirmação de que a dominação homem/mulher constitui uma contradição menor que se possa situar no interior das classes sociais, de tal modo que, eliminando estas, se criariam as condições para a eliminação daquela.

“Trata-se de duas contradições distintas e, provavelmente, de igual importância (...) Por isso não se trata (...) de situar a dominação da mulher pelo homem no interior de cada classe social e verificar suas formas específicas de manifestação. Trata-se de verificar isto, mas também de ir além disto, ou seja, de se tentar descobrir os pontos de intersecção das ideologias que legitimam os dois tipos de dominação em pauta: o patriarcalismo e o capitalismo... Já se afirmou que a ideologia patriarcal é profundamente explorada pelo capitalismo, que dela se utiliza para reforçar a dominação de classe. Há, entretanto, que se fazer a seguinte pergunta: em que medida o capitalismo constitui um excelente recheio histórico para a ideologia patriarcal que sobrevive e se expande graças a desigualdades de toda sorte?”

A ideologia que permeia a dominação das mulheres e sua conseqüente exploração não é visível, e nosso papel é desmistificá-la. A “identidade feminina” foi construída por meio do discurso ideológico e social, que, longe de ser natural, visa atender e adequar as necessidades e mitos (Coutinho, 1994) do sistema patriarcal. E essa adequação vem ocorrendo em vários momentos da história da humanidade. Segundo Alambert¹⁸, data de pelo menos 9000 a.C. e tem desempenhado importante papel na construção da subjetividade das mulheres. Por isso tem servido para mantê-las na posição de subordinação.

Podemos afirmar que toda identidade, seja ela de raça/etnia ou de sexo, associa-se sempre a uma entidade abstrata, sem existência real, ainda que, de certa forma, indispensável como ponto de referência, como assinala Coutinho (1994)¹⁹. Ortiz (1995)²⁰, citada por Coutinho, diz que é uma construção, operada por agentes históricos, que dissolve heterogeneidades, diferenças, na univocidade de um discurso ideológico totalizador, que converge para aquilo que chamamos de “o pensamento único”.

O comportamento das mulheres foi construído concomitantemente à construção de instituições e conceitos que vigoram até os dias atuais. E a família *celula mater* da sociedade é a primeira delas. E coincide com a opressão das mulheres que visa a explorá-las, garantindo a propriedade privada e principalmente a herança que, num primeiro momento, foi a terra o seu produto. O objetivo deste discurso era manter a mulher no confinamento da esfera doméstica e da maternidade, o que, como diz Coutinho, configurou um programa político. Na Grécia, que é considerada o berço do conceito de democracia, em algumas de suas cidades havia um código de conduta da mulher, contendo principalmente os deveres da esposa, enquanto cada marido poderia elaborar o seu próprio

¹⁸ Alambert, Z – A trajetória épica das mulheres

¹⁹ Coutinho, 1994

²⁰ Ortiz, 1995

manual de conduta²¹. Segundo Saffioti, o capitalismo utiliza e sofisticada esta conduta na busca de seu objetivo maior, que é a acumulação de capitais.

Ainda antes de Cristo os homens desenvolveram teorias para tentar fundamentar a incapacidade mental das mulheres e assim decidirem sobre a vida delas. Estes chegaram a afirmar que o útero esvazia as possibilidades de a mulher pensar. E recentemente esta idéia ressurgiu com a instituição da TPM – Tensão Pré-Menstrual –, de acordo com a qual chega-se a afirmar que a mulher nesta fase pode ser levada a matar. Esta visão biologizante do comportamento vem ressurgindo, e, ainda no ano de 2002, um cientista americano justificou o estupro das mulheres como fruto da necessidade de manter a espécie humana se reproduzindo, desconsiderando todas as comprovações de que esta é uma construção decorrente de um comportamento cultural, ou seja, uma construção de atitudes. O estupro sendo a prova máxima do poder do falo e da supremacia masculina, e não um apelo do instinto, consideramos esta ótica determinista, contrária aos princípios da dialética, que norteia a racionalidade de mulheres e homens e conduz a uma vida verdadeiramente civilizada.

Nas cidades as normas estabelecidas pelo Estado estão impregnadas de ideologia, tal como se evidenciava quando o direito de votar só era assegurado a quem fosse homem e possuidor de propriedade. As mulheres, como não eram alfabetizadas nem possuíam propriedades, não votavam. Eram consideradas incapazes. E estas ideologias modeladoras de comportamentos têm desdobramentos na utilização do espaço construído da cidade. Tanto na concepção de projetos arquitetônicos garantindo que lugar de mulher é na cozinha. A mulher não tinha nem mesmo o direito de freqüentar a sala, prática ainda vigente em alguns países. Longe de nós mulheres, desprestigiarmos o valor da cozinha, sabemos que esta desvalorização na verdade é a construção ideológica para materializar a nossa desqualificação, não se vive sem este trabalho, é um trabalho social.

O acesso das mulheres à cidade nunca se deu da mesma maneira que os homens. Há menos de 80 anos as mulheres passaram a poder andar sozinhas nas ruas das cidades. E mesmo assim somente em espaços delimitados. Simone de Beauvoir²², famosa pela frase “Não se nasce mulher, torna-se”, vem marcar uma época na reconstrução da crítica contundente das feministas.

O feminismo enquanto movimento social retomou com força o combate a essa ideologia, e aqui devemos resgatar algumas falas de Beauvoir, como a que diz que a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a que diz que a fêmea é o inessencial perante o essencial; e também o homem é o sujeito, o Absoluto, ela é o Outro...

Aqui destacamos o papel desempenhado por algumas instituições, como a família, na reprodução da ideologia. A construção simbólica que a ideologia dominante desenvolveu necessitou de estruturas de massa, principalmente nas cidades, como a família, as instituições religiosas, a imprensa escrita, falada e hoje o conjunto da mídia, conhecido como “o quarto poder”. Tudo isso para conseguir controlar o comportamento e impor a ideologia das classes dominantes. Mas sempre houve resistências e vozes protestando. Como no caso da Igreja Católica, que, para conseguir impor sua forma de pensar, teve de travar guerras, criando a Inquisição, que, perseguindo os diferentes, tachados de hereges, julgou e queimou milhares de mulheres. Temporariamente venceram a batalha.

²¹ História das mulheres na Idade Média

²² Beauvoir, S – O segundo Sexo - 1960

Mas as mulheres sempre resistiram em toda esta trajetória épica como diz Alambert.

No sistema capitalista tudo é transformado em mercadoria. Tudo tem valor de troca e de uso. O mundo capitalista das mercadorias configura-se também na rede de tráfico de mulheres para a prostituição, de que fazem parte cidades do Brasil, inclusive São Paulo.

As cidades também são espaço de consumo e para o consumo. O espaço do encontro, do debate das vivências políticas tem sido esvaziado em que pese haver muita resistência. Este modelo carrega a contradição dentro de si: ao mesmo tempo em que se restringiu praticamente o consumo em lojas abertas nas ruas, e criou-se a cultura do *shopping*, deixou que aparecessem as feiras de camelôs a ocupar as ruas e as praças.

Para as/os urbanistas de terceira geração, como são chamados pela professora Otilia Arantes²³, o espaço da cidade passou a ser voltado só para o consumo, para o turismo. Criou-se a cidade do espetáculo, onde se dá o consumo da cultura. A cidade tem de competir para ser a cidade dos grandes eventos, como a Olimpíada, as corridas de Fórmula 1, que é no que a prefeita Marta Suplicy investiu com muito energia. Vender o espaço da cidade fora do país para eventos temporários, em que vai correr muito dinheiro, gerando muito “agito”, é o resultado disso, trazendo mais riqueza para alguns, claro, os que já concentram grande poder aquisitivo. Tudo isso, sem esquecer que o espaço privado também tem sido palco da propaganda do consumo.

E a mídia tem tido um papel decisivo na transmissão dessas ideologias. A televisão invade nossa intimidade com uma proposta sedutora e consegue vender, principalmente para as mulheres, o papel tradicional de dona de casa e de consumidora de objetos supérfluos. Assim ela nos captura. E, mais do que isto, divulga suas propostas programáticas, como se dá no caso do programa Cidade alerta, e outros do mesmo gênero, que propagam o tempo inteiro a bandeira da pena de morte, a diminuição da idade penal.

A cidade do consumo, que concentra o capital, produz também cada vez mais exércitos de pessoas despossuídas, que ficam seduzidas pelo consumo de quinquilharias e não têm alternativa, a não ser entrar para o crime. Os jornais da grande imprensa também estão organizados com base nesse mesmo sistema de controle e têm entre suas grandes fontes de sustentação a propaganda da especulação imobiliária e da indústria automobilística. Vendendo o sonho e a felicidade.

Nesse mesmo sentido vem a grande campanha publicitária, de que São Paulo é Cidade Mundial. Paralelamente ao aumento da concentração, nessa mesma cidade, dos maiores contingentes de desempregados. Nessa mesma São Paulo, em que a cada cinco dias nasce uma favela, em que moram quase 10.000 pessoas na rua. Sendo desses cerca de 15 % de mulheres, ou seja, cerca de 1500 mulheres e com filhos, diferentemente dos homens que abandonam a família. Muitas estão nas ruas por não suportarem a violência doméstica.

Essa falsa idéia de que São Paulo tem qualidade de vida e que aqueles grandes eventos podem resolver o problema das pessoas carentes continua sendo alimentada. Os esforços que foram canalizados para a possibilidade de São Paulo abrigar a Olimpíada deveriam ter sido canalizados para resolver problemas sociais e de precariedade urbana. Paralelamente deparamo-nos com a aprovação do Estatuto da Cidade depois de 10 anos de mobilização que garante instrumentos defendido nas propostas de reforma urbana dos movimentos sociais. Como dizem Flávio Villaça e Ermínia Maricato, o plano diretor nada

²³ Arantes, O – in o pensamento único

mais é do que um conjunto de representações ideológicas. São representações que não refletem a cidade real, em que se verifica o debate entre as classes sociais, a diversidade de gênero, cor, faixa etária, orientação sexual e deficiência física. E que mesmo em meio a este debate encontramos dificuldades em implantar uma visão que tenha a coragem de aplicar uma metodologia que deixe aflorar os conflitos dos diversos interesses e possa-se garantir uma cidade que funcione democraticamente.

Até o momento as diferenças tem sido muito pouco contempladas num plano diretor, o que vem na esteira do discurso segundo o qual no plano diretor devem estar apenas diretrizes gerais para os temas estruturadores. Não concordamos. O plano deve refletir, com propostas de ação, todas as necessidades de normatizações e deve apontar a direção para as políticas setoriais, transversais, que venham garantir a melhoria do habitat, assim como o desenvolvimento social e econômico. Ficar nas diretrizes gerais pode transformar-se, como foi até agora, apenas em intenções, e não em ações, ou seja, vai permitir que haja espaço para que se trate apenas de uma parte da cidade, impedindo-a de ser pensada em conjunto, o que faz com que prevaleçam os interesses de uma parcela da população, que é a classe dominante. Ao pensarmos o intraurbano, faz-se necessário chegar ao microcosmo do cotidiano das cidades, que deve, sim, estar contemplado nos Planos de Ação das cidades.

Quanto à arquitetura e as/os arquitetas/os), chamamos a atenção para a necessidade que temos de refletir sobre nosso ato de produção de um projeto, em que pode estar embutida no próprio partido de projeto uma ideologia que segrega as mulheres. Nosso ato de criar pode, sim, ajudar na perpetuação de uma ideologia machista, vide o exemplo do arquiteto (tal como ilustrado em anúncio, anexado adiante, que foi publicado no Jornal do Brasil em 1984, gerando grande polêmica²⁴) que produz sugestões de arquitetura de interiores para meninos e para meninas, com diferentes significados em termos de incentivar a imaginação e o espírito de aventura do menino, e o instinto maternal da menina, em que vai embutido o estímulo à passividade.

Quanto às mulheres, para que possam aumentar seu acesso à cidade, com certeza cabe a elas, ou seja, a nós, entrincheirarmo-nos e batalharmos para ter visibilidade, exigindo que sejamos tratadas como sujeitos de direitos. Deste modo, passamos a apresentar parte de nossa história nas cidades e o que podemos fazer, o que fizemos e o que queremos na cidade de São Paulo.

²⁴ AZEVEDO, Maria Amélia. *Mulheres Espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez, 1985. Páginas 65-68.

MATÉRIA CONTESTATORIA

PROJETOS:

Quartos infantis, viáveis e práticos

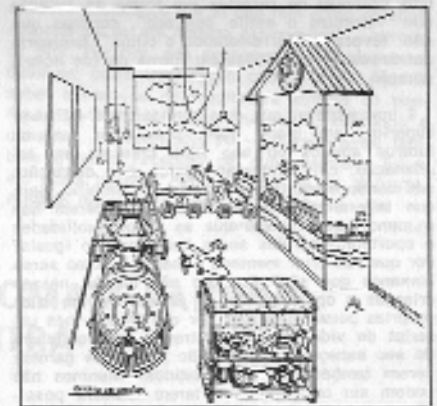
O problema é eterno, já que eterno é o renovar de crianças na casa e no mundo: como arrumar o quarto infantil? **Dois arquitetos (e pais)**, Ricardo Nogueira Martins e Luiz Aviz, oferecem suas idéias, jogando tanto com móveis que estão à venda em lojas especializadas ou nos magazines (ou modelos similares) como com criativos arranjos de estrutura metálica ou trabalhos de carpintaria, formando trezininhos coloridos que servem de cama, mesa, estante, etc.

O piso de Formiplot é uma constante, já que as cartelas fornecem tanto as cores lisas, como os aspectos de madeira natural, muito bonitos. E práticos, o ponto principal no ambiente arriscado a rabiscos e manchas de cola, tintas e massas diversas.

IESA RODRIGUES

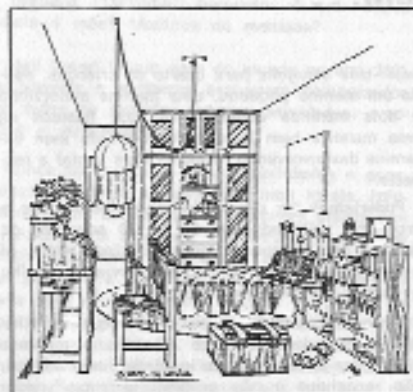
Um trem para o menino

Uma verdadeira estação ferroviária, com dinoto até ao relógio no alto do armário-casinha, faz o tema do quartinho do pentinho até dois anos. A cama fica embutida como um vagão, atrás da locomotiva. No lugar onde ficaria o carvão, está a mesinha para apoiar o abajur e as mamedeiras. O último vagão, deixado da janela com cortinas de rolo estampadas com nuvens, é uma mesinha de desenho e de refeição. O carro número 2 serve como arco para brincados e tem sobre a tampa uma almofada, onde um adulto pode sentar e dar de comer ao pequeno. Se ainda é um bebê, a estantezinha tem colchonete sobre o tempo, lugar prático para trocar fraldas.



Romântico, para a garota

Para a menininha de quatro anos até a adolescente o ambiente atual tem toques românticos. Os móveis são de madeira natural (pinus/merfim) e os complementos ficam em tons de rosa. Pequenos detalhes, como os corações recortados nas portas e esculpidos nos puxadores das gavetas e portas, reforçam o estilo delicado. Os armários têm portas de vidro, com cortinas por dentro, dando mais leveza ao quarto. Para os estudos, vale a escrivaninha, com cadeira de assento rústico, em tábua. Brinquedos de madeira, e possumil fitas de música, livros e misturas da adolescente podem ser escondidos na arca junto à janela. Arrematando o clima, a luminária freijada, tintrada em rosa, e colcha matelassée e as almofadas em forma de coração.



[Jornal do Brasil, 13-10-84.]

A CARTA CONTESTATÓRIA

Idéias contestadas

Causou-me espanto e desgosto o artigo **Quartos infantis, viáveis e práticos**, publicado no JB de 13/10/84. A partir de uma boa apresentação, palavras como "infantis" e "crianças", começou o desastre: as idéias que os arquitetos (e pais) Ricardo Nogueira Martis e Luiz Aviz ofereceram. O quarto para os dois meninos "naturalmente bagunceiros", que têm "carrinhos, apetrechos de praia, skate e bolas", mereceu um criativo arranjo de estruturas metálicas. O menino pequeno mereceu "uma verdadeira estação ferroviária, com direito até ao relógio", mesmo que provavelmente ele nem fosse ter condições de aprender a ver horas em tal idade. A menina mereceu toques românticos, tons de rosa, uma profusão de recortes em forma do coração que "reforçam o estilo delicado", cortinas que dão "leveza" e, "arrematando o clima", luminária cor-de-rosa e almofadas em forma de (de novo!) coração.

É inacreditável que dois profissionais de nível superior, em pleno 1984, pretendam que os futuros adultos do ano 2001 cresçam em tal alienação, cuja distorção básica é a distinção: um mundo masculino e um mundo feminino. Será que tais arquitetos ainda não perceberam que o mundo é um só e que as responsabilidades e oportunidades dos seres humanos são iguais? Por que não criar meninos e meninas como seres humanos que são? Por que não dar às nossas crianças a oportunidade de desenvolverem suas próprias personalidades? Por que incutir-lhes um script de vida enganoso, através da arquitetura de seu espaço-ambiente? Não podem os garotos serem também seres românticos? Meninos não podem ser organizados e terem também possíveis miudezas? Por que incutir nas crianças que os sentimentos de homens e mulheres são basicamente diferentes?

Qualquer menina que tiver a infelicidade de viver dos quatro anos até a adolescência (conforme sugeriram) num quarto daqueles terá de enfrentar na vida o mesmo mundo que os meninos que tiveram trens e criatividade em seus quartos enfrentarão: o mesmo sistema escolar, o mesmo sistema econômico, o mesmo exame vestibular, o mesmo mercado de trabalho, tudo igual! Por que não preparar a menina para um mundo real e criativo? Por que mostrar-lhe uma visão completamente distorcida do mundo, da humanidade e do papel social que irá desempenhar?

Induzir a formação de preconceitos ou reforçar uma visão enganosa do mundo deveria ser considerado crime punível por lei, devido às desastrosas conseqüências psicológicas e sociais que isso pode acarretar: a dolorosa descoberta do mundo real, os desgastantes conflitos emocionais, as dificuldades no relacionamento afetivo e sexual, os distúrbios de conduta, etc. Toda criança tem o direito inalienável de ser preparada para a vida e o mundo em que vive e irá viver. Tenho constatado vezes sem conta o quanto o resultado da indução de preconceitos é prejudicial ao ser humano. Superar e libertar-se de conceitos equivocados e arraigados custa, muitas vezes, alguns milhões de cruzeiros e alguns anos de psicanálise.

A arquitetura também é uma forma de linguagem, a qual aliás muito prezo, e respeito; daí a imensa responsabilidade dos arquitetos, como construtores de ambientes que são. Se os citados arquitetos são pais, só tenho a lamentar que não se exija, ainda, exame psicotécnico para a paternidade/maternidade. **Maria Estela Franco Gonçalves, socióloga — Rio de Janeiro.**

(Jornal do Brasil, 25-10-84)

Os arquitetos se justificam...

Crianças robotizadas

Chegou ao meu conhecimento uma carta publicada nesse jornal por Maria Estela Franco Gonçalves, socióloga, em 25/10/84, criticando um artigo publicado por mim e um grande amigo, Luís Aviz, sob o título **Quartos infantis, viáveis e práticos**, também publicado no JB em 13/10/84, e que, por se constituir numa saraivada de insultos pessoais a mim e meu colega, não poderia deixar de respondê-la, sem perder a minha paciência, boa educação e bom humor.

A senhora autora da carta (ou será senhorita, mãe dificilmente) sugere que eu ou o meu colega Luís Aviz tenhamos pago ou recebido algo com este artigo. Está redondamente enganada. Os desejos e idéias foram oferecidos graciosamente à reportagem do jornal, que nos solicitou um programa arquitetônico para desenvolver, ou

seja: três soluções para quarto de crianças, sendo um menino pequeno, uma menina maiorzinha e dois meninos adolescentes, que fizemos de uma maneira bem livre e descontraída sem estarmos desenvolvendo nenhuma tese social a respeito.

Poderíamos ter desenvolvido, se este fosse o programa solicitado, 10, 20 ou 30 soluções de quartos para crianças, todos diferindo entre si e com muita bossa, pois este é o nosso trabalho e somos bons no que fazemos.

Embora reconheça e até admita que as diferenças na educação entre meninos e meninas devam ser cada vez mais igualadas, não admito, não reconheço e não professo a massificação das crianças, a robotização deste processo, a não-valorização da masculinidade dos meninos e

...a desvalorização da feminilidade das meninas e muito menos a falta de personalidade que isto cria nesses indivíduos criados como sugere a socióloga.

E outra coisa, neste universo da srá. Maria Estela, onde fica a fantasia? As festas típicas? O cozinho da Páscar? Os cantos de festa? Não falta o importante na sua opinião?

Meninas não gostariam de ser princesas, mesmo que fossem educadas para serem chefes de cozinha? Duvido!

Acho que a srá. Maria Estela foi excessivamente radical em suas opiniões e bastante obstruiva em suas críticas quanto à nossa capacidade profissional e de agir profissionalmente nos eguálhamos do nosso trabalho, que é feito baseado num programa arquitetônico e que, se a srá não sabe, vou tentar explicar rapidamente. O cliente nos solicita um projeto num âmbito um programa a ser cumprido, ou seja, se coordenar e serem responsáveis do que ele cliente quer e nós, que conhecemos o espaço tridimensional e temos uma boa capacidade crítica, embarcamos com o cliente neste espaço chamado de tridimensional e propomos soluções,

acertadas ou não. Assim, a ideia original é sempre do cliente, e não nossa, e normalmente temos sido bastante felizes em alcançar este objetivo com nossos clientes. A reportagem do *Jornal do Brasil* funcionou como nosso cliente: no caso específico daquela artigo e gostou muito do que recebeu, tanto que publicou!

Porém, como pai, vi antes a coisa ficar feia: o que eu posso dizer e que o que me interessa é a opinião futura de duas crianças para as quais tenho sido a figura paterna e mãe em um livro na preferência lhe contar como tem sido este aprendizado aprendido com estes dois jovens, mas que tem sem dúvida nenhuma sido bastante significativo, harmonioso, carinhoso e... prestativo, principalmente quando descobrimos que existem sociólogos por aí que têm coisas alijadas, robotizadas ou até mesmo asséuas... no caso pelo. Por fim, me proponho a complementar qualquer outra informação que a leitora queira saber a respeito da arquitetura através do volume 215-1787, do nosso escritório, cobrando a consulta, naturalmente. PB — Agradecemos também o apoio recebido de dona Marlene Silva, em carta também publicada no JB do 28/10/84. Ricardo Nogueira Martins — Rio de Janeiro.

(*Jornal do Brasil*, 1-11/84)

AS LEITORAS TOMAM PARTIDO CONTRA

Meninos & meninas

Leio a carta da socióloga Maria Estela F. Simões (25/10/84) que se diz desgostosa e espantada com o artigo *Quem são infantis, vivências e práticas* (13/10/84), pergunto: A srá. Maria Estela é mãe? Meninos ou meninas?

Meu Deus! O que será do mundo no ano 2001 se homens e mulheres estiverem padronizados em todos os sentidos (hábitos, atividades, costumes e atribuições)?

Nunca no mundo as responsabilidades e oportunidades dos seres humanos foram iguais. Infelizmente, na atualidade, as mulheres vivem que usando uma atividade remunerada fora do lar são colaborando ou até mesmo competindo. Não sei por que a ideia de mãe, esposa, dona-de-casa está causando tanta ojeriza às jovens de hoje. Talvez por ensinamentos do tipo que disse ainda um dia. Os resultados já estão visíveis: lares mal organizados, casais desajustados, crianças solitárias entregues aos cuidados de pessoas nem sempre capacitadas e, conseqüentemente, jovens infelizes que recorrem aos sócios pensando vencer seus problemas e curar

sua insegurança (nem todos é claro) ou apelam para o analista (como analista) para que este lhe ajude a descobrir quem é, pois em sua infância no lar ninguém teve tempo ou condições de fazê-lo.

Não é necessário ser socióloga (talvez, prefero não ser) para perceber a importância da figura materna: o que ela representa de puro, delicado e belo. Como é válida na sociedade a figura da mulher com sua verdade, feminilidade, cultura e personalidade (por que não?). Ser mulher significa ser humana. Incompreensível?

Se o mundo lá fora é igual para todos, por que não deixamos colaborar para que, em seus quartos, meninos e meninas tenham o ambiente de acordo com atributos que a própria natureza lhes destinou? Na minha opinião, a futura separação de atividades e atribuições não interfere na emoção e desenvolvimento de uma criança. Se meninas e meninos são iguais em tudo, quem vai dar a luz em ano 2001? O que há de ser das coisas, a quem oferecer-las? Marlene Silva — Rio de Janeiro.

(*Jornal do Brasil*, 28/10/84)

Desigualdade

Sou mais uma leitora espantada com as bobagens escritas pela socióloga Maria Estela F. Gonçalves, respondendo ao artigo sobre decoração de quartos infantis (25/10/84). Parabenizo a sra. Marlene Silva por haver prontamente dado uma resposta lógica, inteligente e óbvia, no dia 28/10/84.

Quando penso na pseudo-igualdade de sexos, logo me vem ao pensamento as horas difíceis, quando o pneu do meu carro fura numa rua de trânsito difícil. "Como é bem-vinda a figura máscula, atenciosa de um homem para me ajudar."

Psicologicamente, a mulher pode ser igualada a um homem, porém com um outro tipo de raciocínio, mas de acordo com sua figura física, já que partes psicológicas e físicas formam um todo, dentro da personalidade humana.

Vamos ser todas cor-de-rosa, deixando os tons fortes para os homens, porém, vamos ser todas

dignas de respeito, isto sim, é o que está nos faltando, com esta onda de falta de pudor onde as mulheres (nem todas, graças a Deus) estão mergulhando.

Somos diferentes sim, sra. socióloga, nem por isso menos dignas. Não vamos camuflar esta diferença com o intuito de poder sobreviver no tal mundo "lá fora dos nossos quartos".

Repito: Vamos aprender a nos respeitar, fazer com que os homens nos respeitem e às nossas diferenças físicas e psicológicas e mostrar aos nossos filhos(as) que podemos ter uma convivência normal sem agressões nem dominações, decorada com bastante coraçõezinhos rendados e colchas de baúdos. A sra. socióloga tem filhos? Pobres coitados! Já ouvi de uma talvez aluna sua que queria ter nascido com o peito do pai e não com o "horrível busto" da mãe. **Cely de Brito Aghina Canetti** — Rio de Janeiro.

(Jornal do Brasil, 28-10-84)

A FAVOR

Nova mulher

Atenta a tudo que diz respeito a mulheres, li, com satisfação, a carta da socióloga Maria Estela F. Gonçalves (25/10/84), que faz uma reflexão sobre a reportagem do dia 13/10/84: **Quartos infantis, viáveis e práticos**, com a qual concordo inteiramente e fico estarelecida com a carta de Marlene Silva (29/10/84) que contesta, desinformadamente, a apreciação da socióloga.

Não é preciso ter filhos (por acaso eu os tenho) para se analisar o que vem acontecendo com a mulher ao longo de séculos. Dona Marlene deveria procurar conhecer, e é lastimável que não saiba quantas mulheres já imolaram suas vidas na busca de um espaço digno de seres humanos para todas nós.

A história revela mulheres que se sobressaíram, individualmente ou como exceções no mundo dos homens, mas quem estuda o movimento **feminista** mundial sabe que as mulheres têm lutado para chegarmos a esta nova mulher que surge hoje e ainda causa impacto aos conservadores.

Se continuarmos dividindo espaços e delimitando papéis sociais para nossos filhos, como aconteceu com nossos antepassados, confinando meninas no lar e submetendo-as ao paternalismo e à maternidade como única forma de realização e encaminhando os meninos ao mundo frio dos negócios, estaremos desagregando e afastando possibilidades de real entendimento entre

eles, o que contribui para manter o mundo hostil e belicoso em que nos encontramos. (...)

A mulher também tem aspirações e desejos, anseia pela liberdade de ação e de pensamento. Hoje ela não nega a maternidade, mas não aceita mais ser considerada apenas uma reprodutora. Ela luta por creches e melhor assistência à infância para que possa participar também da vida pública. Dona Marlene nunca reparou nas neuroses e enxaquecas de mulheres apenas "do lar" e no quanto neurotizam os filhos e são infelizes? Por que só a mulher é responsável pelos filhos? Estatísticas já mostram que jovens mães conseguiram o respeito, repartir tarefas e dividir responsabilidades com seus companheiros mais esclarecidos e estas mulheres trazem um conceito novo de vida e de educação. A mulher hoje já sabe o que quer e as poucas que permanecem adormecidas e à sombra de alguém que as guiasse e dirigisse suas vidas começam a se questionar. (...)

Homens também têm sentimentos de pureza, delicadeza e ternura e, pasme: muitas mulheres já apresentavam namorados, amantes ou companheiros com flores. Se Deus quiser, no ano 2001 não estaremos tão distanciadas dos homens. Estaremos lutando ombro a ombro pelos mesmos ideais e provavelmente poderemos andar de mãos dadas ao luar. **Edda Gutiérrez** — Rio de Janeiro.

(Jornal do Brasil, 4-11-84)